

**Maria Angélica Seabra Rodrigues  
Martins**

*FAAC-Unesp-Bauru*

masrm@uol.com.br

---

## A ODISSÉIA DE ULISSES: O HOMEM E O MITO

### RESUMO

Os mitos surgiram entre os povos do passado, na tentativa de explicar fenômenos como o início e o fim do mundo, a sucessão das estações, forças da natureza, controladas por deuses que dispunham de poderes para governar essas questões, bem como as atitudes humanas, a vida e a morte. Ao contrário do que ocorria entre os monoteístas judeus, as deidades pagãs possuíam características comuns às dos mortais: eram vingativas, violentas, dominadoras, libidinosas, entre outros atributos. O homem grego criou os deuses à sua imagem e semelhança.

Como referência para as atitudes humanas surgiram os heróis e seus mitos, cujo papel era o de fornecer um modelo moral para o cidadão e agregar a polis. Hércules e Ulisses estão entre esses heróis, cujo percurso rumo à heroicidade envolve a obtenção de saberes de ordem social e emocional, de forma a constituírem padrões de virtudes.

O percurso de Ulisses ao longo de vinte anos, com o objetivo de adquirir os dons que sua protetora – a deusa Atena – deseja para ele, será analisado adotando-se como corpus o filme “A Odisseia”, dirigido por [Andrei Konchalovsky](#) e produzido por Francis Ford Coppola, em 1997, tendo Armand Assante no papel principal. Como referência para a análise dos acontecimentos que marcaram o percurso de Ulisses, alçando-o à condição de herói, serão adotados postulados da antropologia (Joseph Campbell, Mircea Eliade, Jean-Pierre Vernant), da teoria literária (Flávio Kothe) e da semiótica greimasiana (Diana Luz Pessoa de Barros).

Este trabalho vincula-se ao uso do cinema em sala de aula, como proposta para despertar o senso crítico do aluno, levando-o à compreensão dos mitos como modelos primordiais e que se mantêm mesmo após o advento da filosofia especulativa na Grécia.

**Palavras-Chave:** mito, semiótica, antropologia

---

## INTRODUÇÃO

As culturas dos diferentes povos sempre registraram seus mitos como forma de explicar o que não era compreensível ao homem, como a cosmogonia e a escatologia, além dos ciclos da natureza, os terremotos e maremotos, as erupções vulcânicas etc. Tais acontecimentos ocorreriam por vontade dos deuses, figuras sobrenaturais, dotadas de poderes para governar desde o clima até a vida e a morte. O homem criou o panteão de seus deuses e, observando os olímpianos, ocorreu um fenômeno contrário ao apresentado na Bíblia: o grego criou os deuses a sua imagem e semelhança. Diferindo do padrão de deus único, bondoso e justo dos judeus (e, depois, do cristianismo), as deidades gregas apresentavam as mesmas características dos mortais: eram vingativas, violentas, sábias, libidinosas, entre outros atributos.

Como referência para o homem grego, uma vez que sua cultura não adotava uma tábua de leis como a apresentada por Moisés aos judeus, surgiram os heróis e seus mitos, cujo papel era o de fornecer um modelo moral para o cidadão e agregar a polis. Dessa forma, heróis como Héracles (Hércules), Odisseu (Ulisses), Ajax ou Aquiles, constituíam os modelos exemplares, cujos feitos, tormentos, vitórias e atitudes como coragem, astúcia e persistência tornavam-nos os representantes dos valores que o grego cultuava.

A retomada do estudo dos mitos nas escolas, em um momento em que o governo determina a retomada de aulas de filosofia e sociologia, justifica-se, pois sendo o mito o precursor da filosofia especulativa, apresentá-lo às crianças e adolescentes como forma de estória que estimule o debate, propicia o desenvolvimento de seu espírito crítico e de sua capacidade de assimilar os valores que regem uma sociedade. O percurso rumo à heroicidade demonstra as falhas, os defeitos, os medos, as dificuldades de qualquer ser humano, sendo possível observar a vitória após muitas superações. Dessa forma, os heróis gregos podem ser analisados como modelos para o ensino da ética e da aceitação das dificuldades em diferentes etapas da vida, instituindo a crença na luta pelo triunfo.

O percurso de Ulisses (ou Odisseu, na versão grega) rumo à heroicidade será estudado neste texto, a partir do filme “A Odisséia” (The Odyssey) dirigido por [Andrei Konchalovsky](#) e produzido para a TV por Francis Ford Coppola em 1997, tendo Armand Assante no papel principal, e Greta Scacchi como a doce Penélope. O elenco também conta com Isabella Rossellini (como a deusa Atena), Irene Papas (Anticleia, a mãe

de Ulisses) Geraldine Chaplin (serva Euricléia), Eric Roberts (Eurímaco) e Vanessa Williams (Calypso). A utilização do filme como recurso cultural se deve à capacidade de retenção do interesse dos alunos, a fim de que depois possam fazer as devidas comparações com a obra de Homero.

O roteiro, baseado na obra homônima, foi escrito por [Andrei Konchalovsky](#) e Chris Solimine, e manteve os acontecimentos originais do texto, embora a estrutura narrativa tenha se modificado, colocando-os em ordem cronológica. Dessa forma, o filme inicia-se com Penélope dando à luz Telêmaco, assistida por Ulisses, quando ocorre a chegada dos barcos com a frota de Menelau, convocando o rei de Ítaca para o resgate de Helena, raptada por Paris, príncipe de Tróia. A finalização ocorre com a vitória apoteótica de Ulisses sobre os pretendentes à mão de Penélope, após seu aprendizado de vinte anos longe de casa. Nesse filme, alguns episódios foram suprimidos, como o encontro com as sereias, com os gigantes comedores de homens, além da matança do gado do deus Hélios, devorado pelos famintos marinheiros, o que os leva à morte, com exceção de Ulisses, que não comera, sendo por isso poupado.

O texto de Homero enfatiza o retorno de Ulisses, após a Guerra de Tróia. Dividida em três partes, a obra inicia-se com o jovem Telêmaco, filho de Ulisses, incomodado com a presença dos pretendentes da mãe na casa, sem poder expulsá-los, pois a lei grega determinava que uma viúva (e rainha) deveria escolher um esposo. Como os ânimos estão alterados, Atena aconselha Telêmaco para ir em busca do pai, desaparecido há anos, enquanto é convocada a assembléia para que se discuta a situação de Penélope. O jovem lança-se ao mar e a estória de Homero narra trechos dessa viagem. A segunda parte apresenta Ulisses já na ilha de Calypso, após a guerra de Tróia – e os acontecimentos que o levaram à perda de sua frota de doze barcos e seiscentos homens – e a chegada de Hermes, mensageiro dos deuses, com a ordem de Zeus para que ela o libertasse. Ulisses constrói um tosco barco, parte, naufraga e é recolhido do mar pelos faécios, que ouvem o relato de suas aventuras. A última parte inicia-se com a chegada de Ulisses a Ítaca, o encontro com Telêmaco na casa do porqueiro Eumeu e a prova final em que o herói monta seu arco, atira a flecha através de doze machados alinhados, mata os pretendentes e recupera sua casa e seu reino.

Como referência para a análise dos acontecimentos que marcaram o percurso de Ulisses, alçando-o à condição de herói, serão adotados postulados da antropologia (Joseph Campbell, Mircea Eliade, Jean-Pierre Vernant), da teoria literária (Flávio Ko-

the), do modelo formalista das funções de Propp e da semiótica greimasiana (Diana Luz Pessoa de Barros).

## O HERÓI E SUA SAGA

Os estudos antropológicos desenvolvidos por Mircea Eliade (2002) esclarecem que em todas as culturas há rituais de iniciação do jovem na passagem para a idade adulta, muitas vezes compreendendo a saída do próprio lar. O “Vá em busca de teu pai!” que Atena ordena a Telêmaco, filho de Ulisses, quando o rapaz atinge essa idade, reflete-se em muitos mitos e na estória do próprio Ulisses, quando por uma questão de honra, é convocado, ainda jovem, a unir-se ao rei Menelau e seus aliados, para seguir a Tróia com seus barcos e exércitos. Não se considera, na estória, a vontade de Helena, dada a Paris por Afrodite como prêmio por ter sido escolhida como a mais bela entre outras duas deusas. Na sociedade grega, o afastamento da esposa de seu lar, por vontade própria ou devido a um rapto causa uma ruptura na ordem que precisa ser restaurada.

É um Ulisses jovem que deixa o reino, o lar, a esposa e o filho recém-nascido e segue em busca de seu destino. Entre a partida e o retorno do herói narrados na maioria dos mitos, ocorre a abdicação de sua personalidade e psique infantis, retornando como adulto responsável, que realizou algo além do nível normal de experiências humanas, segundo Campbell (1991):

Evoluir dessa posição de imaturidade psicológica para a coragem da autoresponsabilidade e a confiança exige morte e ressurreição. Esse é o motivo básico do périplo universal do herói – ele abandona determinada condição e encontra a fonte da vida, que o conduz a uma condição mais rica e madura. (p.138)

As proezas a que se dedica o herói, segundo o autor, podem ser de dois tipos: a física, em que pratica um ato de coragem ou salva uma vida; e a espiritual, em que aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem (p. 137). No caso de Ulisses, encontram-se os dois tipos, uma vez que em várias ocasiões pensa na segurança de seus homens, chegando a ir sozinho ao reino de Hades, do qual nenhum mortal voltara vivo, em busca do adivinho Tirésias, já morto, que lhe indicaria o caminho de volta para casa.

No mundo grego, o herói clássico desempenha o papel de modelo a ser seguido, aquele que superando todos os obstáculos, alcança seus objetivos, ainda que possa

lhe custar a própria vida, como ocorre com Aquiles, um herói sem medida. A temperança ou moderação é uma das qualidades desejadas no herói; dessa forma, observa-se no mito de Hércules, por exemplo, anos de trabalho sob as ordens do primo Euristeu, manipulado pela vingança de Hera, para que possa cumprir seus doze trabalhos, controlar sua força, adquirir equilíbrio e obter a redenção. Com Ulisses, a ofensa a Poseidon, ao final da guerra de Tróia, segundo a versão apresentada no filme e sua identificação para o ciclope Polifemo (filho do deus dos mares), com o objetivo de tripudiar sobre ele, após tê-lo cegado, rendem-lhe dez longos anos de sofrimento, até que ele compreenda a lição de Poseidon: “Que sem os deuses, o homem não é nada!”:

“Os faécios me levaram para Ítaca. Mas foi Poseidon quem permitiu que eu seguisse minha jornada, para que eu pensasse em suas palavras. E compreendi que eu era apenas um homem no mundo. Nada mais e nada menos”. (Ulisses)

## O HERÓI E SUA ORIGEM

Segundo Kothe (1987), o herói pode ser clássico, trágico ou pícaro, embora também surjam classificações secundárias como planos, triviais, satíricos, cômicos e tragicômicos.

Proveniente do meio aristocrático, o herói clássico grego surge como um rei, como ocorre com Ulisses, como filho de um deus e uma mortal, no caso de Hércules, ou de uma deusa e um mortal (Prometeu). Fato é que o herói não nasce feito, ainda que sua ascendência auxilie. Há um caminho a ser percorrido, até que possa ser reconhecido como tal. Ulisses era mortal e com todas as características dos mortais: vaidade, teimosia, astúcia e representava o desejo de todo homem grego da época (um país pobre), para quem a aventura no mar era o único caminho para o enriquecimento.

O herói trágico também não é um membro do povo ou da camada média da população, afirma Kothe (1987, p. 26). Édipo é filho de um rei (Laio) e de uma rainha (Jocasta), e carrega o pecado, produto de uma *hybris*, uma desmedida, “uma violação na medida das coisas”, correspondendo a estruturas psicológicas profundas (estudadas por Freud), e que o herói tenta modificar, como afirma Kothe (1987), embora ao final se julgue uma presa do destino, da história:

“descobre que o seu agir foi errado, (...) que não devia ter feito tudo o que fez, (...) que é o mais fraco na correlação de forças, embora aparente ser o mais forte. E é lá embaixo que ele descobre a sua grandeza (...) perde o poder terreno para conquistar um poder espiritual (...) torna-se o mensageiro do passado para o futuro (...) O sangue trágico do presente conclama o passado para superar pela sabedoria a tragédia” (IDEM, p.26).

Na verdade, se o herói clássico constitui um modelo a ser adotado pelos cidadãos, com o herói trágico acontece justamente o oposto. No caso de Édipo, a condenação pelo incesto e pelo parricídio justifica-se na estória, por constituírem duas marcas profundas de um caminho a não ser seguido pelos seres humanos.

Para Campbell (1991, p.139), as provações a que o pretendente a herói é submetido, são concebidas para testar sua qualificação, sua persistência, sua coragem, características que o habilitem a servir, a “doar-se a algum objetivo mais elevado, ou a outrem” (p. 140), a provação suprema, que leva o indivíduo à “transformação de consciência verdadeiramente heróica” (IDEM). Dessa forma, o heroísmo tem um objetivo moral – salvar um povo, uma causa, uma pessoa – pela qual o herói se sacrifica, deixando o mundo onde está “e se encaminha na direção de algo mais profundo, mais distante ou mais alto” (IBIDEM). A partir desse momento, o herói atinge aquilo que faltava a sua consciência, no mundo anteriormente habitado e surge a dúvida quanto a permanecer onde está, deixando de considerar seus propósitos anteriores, ou retornar com a dádiva obtida, mantendo-se fiel a ela, e reingressar em seu mundo social.<sup>1</sup>

Em Ulisses, observa-se essa dúvida, durante os períodos em que esteve com Circe, a feiticeira, em um repouso do guerreiro, após a luta; e depois com a ninfa Calypso, mulheres de extrema beleza, mas que não o fizeram desviar-se de seu propósito maior: voltar a Penélope, ou seja, voltar ao que o grego denomina *oikos*: sua família, seus servos, seu lar, enfim. E sua tarefa é árdua, pois deve retornar só, após ter sido dado como morto e expulsar de sua casa os pretendentes de Penélope que em sua ausência ousaram usurpar seus domínios.

## O PERCURSO DO HERÓI

Propp (1984), analisando os contos populares russos, no início da década de 1920, identificou um modelo abstrato presente nas estruturas desses contos, capazes de produzir o “efeito narrativa”, manifestando-se, em princípio, na inversão da situação inicial: assim, caso haja uma situação inicial de carência, envolvendo o herói, ela finali-

---

<sup>1</sup> Essa mudança de atitudes não é observada no herói picaresco, que representa as camadas mais baixas da população, também em sua ausência de nobreza, procurando desnudar suas torpezas, embora sua pretensão maior seja a de atacar as classes sociais que lhes são superiores, segundo Kothe (1987)

za com a liquidação dessa carência; se ocorre a ruptura de um contrato, termina com o restabelecimento desse contrato, por exemplo. Essas sequências estão abrigadas em uma estrutura, cujo padrão marca o percurso do herói, em um modelo triádico das provas performativas (depois retomadas na semiótica por A. J. Greimas), que denominou **prova qualificante**, em que ocorre a aquisição da competência por parte do sujeito (querer e dever, poder e saber); **prova principal**, ou performance do sujeito e muitas vezes um lugar de confrontação com um anti-sujeito; e a **prova glorificante** ou lugar de reconhecimento do sujeito, isto é, a sanção do contrato estabelecido no que Greimas, mais tarde, chamará Manipulação.

A partir dos estudos de Propp sobre os contos populares russos, Greimas, na década de 60, concluiu que o percurso do sujeito articulava, de forma regular, quatro percursos encadeados: **manipulação**, **competência**, **performance** e **sanção**. Na manipulação, um destinador (um sujeito que *faz fazer*) exerce sobre um destinatário (sujeito operador) um fazer persuasivo, induzindo-o a um *querer* ou a um *dever fazer*, mediante a apresentação do objeto de sua ação e levando-o a um *fazer-crer*. Dessa forma, estabelece-se entre ambos um contrato fiduciário, que no final do percurso será sancionado pelo destinador como positivo ou negativo.

Na saga de Ulisses, considerando aquilo que os gregos denominariam “destino”, o herói é enviado por sua protetora, Atena, deusa da guerra, mas também da sabedoria, em uma missão que vai além do resgate da infiel Helena: sua jornada é a da própria evolução e transformação em herói. Como destinadora de uma ação, Atena desperta em Ulisses o dever-fazer, ou seja, honrar seu compromisso com Menelau, utilizando sua competência do poder-fazer: é rei, possui barcos e homens para a tarefa. O objetivo da deusa, entretanto, é levar seu protegido à competência da sabedoria e a encontrar seu lugar no mundo grego, mediante a obtenção das qualidades necessárias a um herói – temperança, persistência, paciência, coragem, dedicação – adquiridas após o desempenho das performances esperadas e que o levam à sanção positiva, tornando-se modelo para os demais cidadãos. Em nível discursivo, o tema da honra está figurativizado na partida de Ulisses, aliando-se aos demais reis gregos, em uma situação de carência e resgatar Helena para que ocorra a liquidação dessa carência.

O período de dez anos diante das muralhas intransponíveis de Tróia deveria coincidir com o período necessário à obtenção da maturidade e da moderação, ao aprimoramento moral do herói, o que, no filme, não ocorre. Ao fim da espera e após a morte dos heróis Aquiles (grego) e Heitor (troiano), observa-se o desenvolvimento de

um outro programa narrativo menor, de uso, em que Ulisses, como sujeito de fazer (destinador) idealiza um cavalo de madeira a ser deixado como presente ao rei de Tróia, como símbolo do reconhecimento da derrota dos gregos, em cujo bojo se abrigaria com outros soldados. Ulisses pede à deusa Atena que abençoe a empreitada, no que é atendido. Utilizando a persuasão pela tentação, um soldado grego enviado por Ulisses atua como destinador, manipulando a cobiça do destinatário/rei Príamo que, satisfeito com o presente, leva o cavalo de madeira para o interior das intransponíveis muralhas. Dessa forma, Ulisses obtém seu intento, pois seu ardil, manifestado na manipulação sobre o rei, levou-o a atingir seus objetivos e a derrotar os troianos enquanto dormiam. A vitória, enfim, é alcançada e Ulisses é glorificado pelos soldados.

Entretanto, sob a ótica do destinador Atena, em um programa narrativo (PN) maior, Ulisses não obteve a sanção positiva em nível do ser, uma vez que levado pela prepotência, demonstra não ter adquirido a *hybris*: tão logo vence os troianos, dirige-se a Poseidon, deus dos mares, e se apresenta como único responsável pela vitória: “Viram, deuses do mar e do céu, eu conquistei Tróia! Eu, um mortal de carne e osso, de sangue e mente! Não preciso de vocês agora. Posso fazer qualquer coisa!”

Poseidon se enfurece com a arrogância de Ulisses, pois a pedido de Atena, também atuara como adjuvante, enviando sua serpente marinha que devorara o adivinho Laocoonte, antes que ele revelasse ao rei Príamo, ainda na praia, o estratagema do cavalo de madeira. O tema da astúcia, figurativizado na construção do cavalo, contrasta com o da prepotência, o que nega uma evolução moral do herói.

Sua prepotência, nesse momento, simboliza a falta de maturidade no uso da inteligência, uma vez que ofendeu o deus dos mares, estando prestes a se lançar ao mar, a fim de empreender a volta para casa. Em uma atitude de intimidação (e de ignorância), dirige-se a um deus, esquecendo-se de que é apenas um mortal.

Sob a ótica da antropologia, a atitude de Ulisses pode ser explicada pelo fato do herói encontrar sua força na *hybris*, glorificando-se tanto no excesso, quanto na desmedida. Mas, para ser aceito como herói, deve conquistar o controle de suas emoções, alcançando a *sophrosyne*, a prudência e a moderação, atributos que ele não possui nesse momento e que Poseidon, punindo-o seguidamente, o levará a adquirir. Guiado pelo verdadeiro autoconhecimento, o herói deve seguir em busca da catarse, ou seja, de sua purificação, dominando as próprias fraquezas, os próprios desejos e prazeres, com o objetivo de alcançar a grandeza moral que o define.



A necessidade de adquirir a *sophrosyne* resulta da própria harmonia do *oikos* e da *polis*<sup>2</sup>, uma vez que o grego reconhece-se apenas enquanto membro desses núcleos, não existindo enquanto ser individual. Como o herói clássico constitui um modelo para os cidadãos, a temperança é uma atitude necessária, também como forma de aceitação da condição humana; dominando a raiva, a inveja e o rancor, por exemplo, concorre para a estabilidade do meio. Ulisses aprende essa lição, ao final de sua jornada, e a ensina ao filho Telêmaco, no momento em que retorna a Ítaca e lhe diz que é preciso saber a hora certa para sentir raiva e para se vingar dos pretendentes de sua mãe.

O retorno de Ulisses é, na verdade, sua odisséia, que irá defini-lo enquanto homem persistente e capaz de resistir ao sofrimento. A lição deverá continuar, tendo Poseidon como oponente implacável: na condição de anti-sujeito irá enviar inúmeros obstáculos para impedir Ulisses de retornar a Ítaca. Como um deus não pode interferir nos desígnios de outro, Atena assiste à perseguição de seu protegido, atuando apenas como adjuvante em algumas situações, como ao enviar o auxílio de Éolo, o deus dos ventos, que aprisiona o vento leste em um saco com o qual presenteia Ulisses, dizendo-lhe que não o abra, até terem desembarcado em Ítaca. Entretanto, exercendo um fazer manipulador sobre os marinheiros, na condição de destinador, Poseidon estimula-lhes a cobiça, tentando-os para que abram o saco enquanto Ulisses dorme, levando-os a crer que haveria dentro dele tesouros ocultos. A sanção de Poseidon enquanto destinador é positiva, pois os homens, destinatários, motivados pelo querer-fazer, libertam o vento leste, com Ítaca diante de seus olhos, ocorrendo grande tormenta que leva o navio, repentinamente, para bem longe de seu curso.

Em nível discursivo, o tema da cobiça dos homens, figurativizado em uma desobediência ao mestre Ulisses, constitui uma desmedida, considerando-se a dedicação total dos marinheiros a ele. Essa falta será reparada com a própria vida de cada um dos homens. O tema da vaidade, presente na sociedade grega, é motivado pelo desejo de fama, atitude que levou Ulisses também a desafiar o rei dos mares e a identificar-se a seu filho ciclope, após cegá-lo. Esse desejo de reconhecimento irá lhe custar anos de sofrimento.

---

<sup>2</sup> O conceito de *oikos* envolve a família, agregados e servos, primeiro núcleo do homem grego; a *polis*, que floresce a partir do século V a.C. define a cidade-estado, dominada por homens e poder político.

Novas aventuras e dissabores o esperam, após o afastamento de Ítaca. Depois de muito navegar, chegam à ilha de Circe, a feiticeira, que transforma os marinheiros em vários animais (em porcos, na saga de Homero). Mas Ulisses, alertado por Hermes, o mensageiro dos deuses, atuando novamente como adjuvante, ingere uma erva capaz de torná-lo imune ao feitiço de Circe. Nesse momento, Ulisses passa à condição de destinatador de uma ação, pois incólume, exige da deidade que liberte seus homens. Circe concorda, mas estabelece com ele um contrato (fiduciário): ela fará o que ele pede, desde que Ulisses faça sexo com ela. Nesse momento, observa-se um jogo manipulatório em que de destinatador de uma ação, Ulisses passa a destinatário, embora a feiticeira acate sua ordem. Ainda que pense em Penélope, Ulisses fica com Circe cerca de um ano. O tema da sexualidade, figurativizado na infidelidade de Ulisses em contraste com a fidelidade de Penélope, pode ser explicado pela posição ocupada pelo homem na sociedade grega, pois embora Penélope permaneça fiel, com tantos pretendentes dentro de casa (e sem saber se o marido continuava vivo, após tantos anos), para o homem grego provar sua virilidade era algo aceitável e desejável, o que não desabonaria o herói.

O percurso seguinte é motivado por Circe, que diante da insistência de Ulisses em voltar para Ítaca, informa-lhe que o único ser capaz de lhe ensinar o caminho seria o adivinho Tirésias, que estava morto. Ulisses, dessa forma, empreende uma jornada ao reino de Hades, o reino dos mortos, do qual ninguém voltara. O tema da coragem é abordado no momento em que deixa seus homens à beira do rio e penetra sozinho nos subterrâneos do Hades, figurativizando o único mortal a adentrar o reino dos mortos, ficando cercado por fantasmas, algo extremamente temido pelos gregos, o que enaltece a coragem de Ulisses e o qualifica enquanto herói. Ainda que ameaçado pelos perigos, o navegador necessita ser astuto para manipular Tirésias, que não se mostra disposto a colaborar. Enquanto destinatador, segura o bode que seria dado em sacrifício e intimida o fantasma, dizendo-lhe que somente ofereceria o animal após saber o caminho de volta, o que obtém.

Nesse momento da narrativa, Ulisses passa pelo processo de morte/renascimento com que se depara o herói clássico, pois ressurge do reino dos mortos para uma nova vida, embora seu caminho ainda lhe reserve inúmeras surpresas, como vencer o medo do desconhecido, diante do monstro marinho Cila, que devora vários marinheiros, e de Caríbdis o redemoinho que tem a aparência de uma calma lagoa, mas que engole com fúria os desavisados. Nessas duas dificuldades, entre os temas do medo e da persistência, novamente Ulisses figurativiza o homem-modelo e, embora

perca seu barco e seus homens, chega à ilha da ninfa Calypso, que o mantém consigo durante sete anos e lhe oferece a imortalidade. Ulisses, enquanto destinatário, é tentado pela proposta da ninfa, na condição de destinadora, mas o dever de retornar a Ítaca, a seu *oikos*, é maior. O tema da fidelidade ao lar está figurativizado no abandono da oferta tentadora para qualquer mortal. Observando a persistência do aqueu, Zeus, na condição de destinador, envia Hermes como adjuvante, com uma ordem para que Calypso/destinatário deixe Ulisses seguir viagem, manipulando-a segundo a intimidação, com o aviso de que afundaria sua ilha no mar, caso discordasse.

A necessidade de Ulisses reassumir seu lar atua como um destinador maior que a oferta tentadora de Calypso, despertando-lhe um dever e um querer-fazer: retornar a Ítaca e a Penélope; dessa forma, rompe-se entre destinador e destinatário o contrato fiduciário anteriormente firmado. Entretanto, o herói ainda tem um último confronto com Poseidon, que lhe envia uma tormenta, capaz de desmontar o tosco barco que construíra para sair da ilha. Despojado de tudo, Ulisses então enfrenta o deus dos mares, em desespero: “Poseidon, Poseidon, que queres tu?”, ao que o deus responde: “Que sofras!”. No texto de Homero, ocorre a interferência de Zeus que, a pedido de Atena, ordena a Poseidon que desista de sua perseguição. No filme, esse acordo entre os deuses não é mostrado, mas Ulisses é jogado a uma praia, quase morto, onde é socorrido pelos faécios, os quais ouvem seu relato e o levam em segurança em um barco para casa. Em nível discursivo, o tema da persistência está figurativizado em Ulisses que, mesmo diante de uma quase morte, pede que o levem a Ítaca. Na saga de Homero, Poseidon se vinga dos faécios que auxiliaram Ulisses, transformando seu barco em um rochedo.

A última parte da jornada do herói, o retorno, é também sua maior prova moral e física, pois deve expulsar os pretendentes que tomaram conta de seu lar, desrespeitando-o, além se recuperar o amor de Penélope. Ulisses é tomado por enorme desejo de vingança contra seus oponentes, mas tendo aprendido a lição de se conter ante a impetuosidade e a usar a sabedoria, é instruído por Atena a entrar disfarçado como velho mendigo no lar, para testar seus rivais e deles se vingar no momento oportuno.

Segundo Kothe (1987), “à medida que o herói épico decai em sua ‘epicidade’, ele tende a crescer em sua ‘humanidade’ e na simpatia do leitor/espectador” (p.14), por isso a vingança, desabonada pelos heróis do cristianismo, por exemplo, é vista como legítima na sociedade grega. Com a calma adquirida na maturidade, Ulisses executa um a um os usurpadores de seu lar e recupera o amor de Penélope. Nesse PN

de uso, Ulisses atua como destinador sobre Telêmaco/destinatário, a quem se revelara, induzindo-o a manter a calma e a aguardar o momento certo de sentir raiva. A sanção neste caso, é positiva, pois competencializado segundo um saber e um poder-fazer, Telêmaco executa as performances dele esperadas, aprendendo a lição que o pai também duramente já aprendera e, seguindo as recomendações, auxilia no extermínio dos pretendentes.

Sob a ótica do destinador principal, Atena, seu protegido adquiriu a sabedoria esperada e as qualidades necessárias para se tornar um herói: persistência, humildade (diante dos deuses), moderação, calma e coragem. Dessa forma, o destinador/deusa sanciona-o positivamente, deixando-se ver também por Penélope, a quem, afinal, entrega Ulisses como justo prêmio. No nível discursivo, o tema da fidelidade da esposa e o da persistência do herói, valorizando sua família, figurativizam os atributos gregos mais esperados de um verdadeiro modelo de cidadão. No nível fundamental, a persistência de ambos contrasta com as inúmeras tentações a que souberam resistir, tornando-se verdadeiramente dignos da recompensa final.

## CONCLUSÃO

Em Ulisses encerram-se a bravura, a coragem, a astúcia, a persistência e a oratória, mais tarde extremamente valorizada na polis grega, uma vez que ao fim da guerra de Tróia o pensamento especulativo grego pôde se desenvolver dentro das circunstâncias propícias, com o advento da democracia e da valorização da argumentação.

O episódio com Polifemo, o ciclope, a quem Ulisses dissera chamar-se “Ninguém” constitui um exemplo do jogo intelectual que será estabelecido na polis, nos anos seguintes, onde imperarão “a discussão, a argumentação e a polêmica”, segundo Vernant (2002, p. 56). Diferindo do herói marcado pela força bruta e que necessita lapidar suas emoções e aprender a controlá-las, como Hércules, Ulisses é o herói aventureiro, mas dotado de astúcia, que se revelará também na arte de usar a palavra, manifestando-se como um modelo para o homem grego analfabeto e bruto, que sabia manejar a espada e o arado, mas que pouco conhecia da arte da persuasão e da sedução. Ulisses resume em si mesmo esses atributos.

Segundo Kothe (1987), em suas andanças de puro guerreiro, ele tende a se aproximar do pseudo-herói das ‘narrativas triviais’ masculinas, mas ele não se esgota em enfrentar dificuldades e vencer no fim: “O herói épico é o sonho de o homem fazer a sua própria história; o herói trágico é a verdade do destino humano; o herói trivial é a legitimação do poder vigente; o pícaro é a filosofia da sobrevivência feita gente” (p. 15).

Para o grego, sua identidade se define pela participação no meio em que está inserido: “o *eu* está em íntima e viva conexão com a totalidade do mundo circundante, com a natureza e com a sociedade humana, nunca separado e solitário” (JAEGER, 1994, p. 151). Dessa forma, Ulisses não se define sem a sua Ítaca, ainda que seja um herói aclamado em todo o Mediterrâneo, devido à proeza de construir o cavalo de madeira, que pôs fim à longa guerra de Tróia.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, D.L.P. **Teoria do discurso**. São Paulo: Atual, 1988
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991
- \_\_\_\_\_. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007
- JAEGER, W. **Paidéia** – a formação do homem grego., 3ª.ed.São Paulo: Martins Fontes, 1994
- HOMERO **Odisséia**. São Paulo: Nova Cultural, 2002
- KOTHE, F.R. **O herói**, 2ª.ed. São Paulo: Ática, 1987
- MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001
- PROPP, V.I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984
- VERNANT, J.P. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2002

## Filmografia:

### **A Odisséia (The Odyssey)**

Ano: 1997 - EUA

Direção: Andrei Kochalovsky

Produção: Francis Ford Coppolla

Elenco: Armand Assante, Greta Scachi, Irene Papas, Isabella Rossellini, Geraldine Chaplin, Eric Roberts, Christopher Lee